

O LUGAR DE VICO NO SÉCULO XVIII: ENTRE ILUMINISMO E ANTI-ILUMINISMO*

VICO'S PLACE IN THE 18TH CENTURY: BETWEEN ENLIGHTENMENT AND ANTI-ENLIGHTENMENT

José Valdir Teixeira Braga Filho**

RESUMO

O presente trabalho analisa a crítica de Giambattista Vico (1668-1744) ao cartesianismo no contexto cultural da Nápoles do século XVIII, buscando compreender o seu posicionamento concernente às novas tendências científicas e filosóficas da época. Tal procedimento se justifica com o objetivo de se contrapor às leituras que consideram Vico um pensador Anti-Iluminista a partir da sua crítica a René Descartes (1596-1650) – como é o caso de Isaiah Berlin (1909 – 1997) e Mark Lilla (1956). Defende-se a hipótese que, embora Vico critique o cartesianismo, ele não o rejeita completamente ao defender os saberes cultivados pelos humanistas renascentistas. Deste modo, a sua crítica ao cartesianismo não consiste numa negação total, mas na indicação dos seus limites. Vico busca reabilitar no seu contexto a importância de saberes que não se adequam ao ideal de matematização defendido pelo cartesianismo. Conclui-se que não se pode considerar Vico um anti-iluminista, mas sim um pensador que conciliou elementos da tradição clássica com as novas tendências filosóficas de sua época.

PALAVRAS-CHAVE: Vico; cartesianismo; iluminismo; Nápoles; século XVIII.

ABSTRACT

This paper analyzes Giambattista Vico's (1668-1744) critique of Cartesianism within the cultural context of 18th-century Naples, seeking to understand his position regarding the new scientific and philosophical trends of the time. This procedure is justified by the aim of counteracting readings that consider Vico an Anti-Enlightenment thinker based on his critique of René Descartes (1596-1650) – as is the case with Isaiah Berlin (1909-1997) and Mark Lilla (1956). It is argued that, although Vico criticizes Cartesianism, he does not reject it completely by defending the knowledge cultivated by Renaissance Humanists. Thus, his critique of Cartesianism does not consist of a total negation, but rather in indicating its limits. Vico seeks to rehabilitate in his context the importance of knowledge that does not fit the ideal of mathematization advocated by Cartesianism. The conclusion is that Vico cannot be considered an Anti-Enlightenment thinker, but rather a thinker who reconciled elements of the classical tradition with new philosophical trends.

KEYWORDS: Vico; cartesianism; enlightenment; Naples, 18th-century.

* Artigo recebido em 16/02/2025 e aprovado para publicação em 06/04/2025.

** Doutorando em Ética e Filosofia Política pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e bacharel em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Associado à Associação Brasileira de Estudos do Século XVIII. E-mail: valdir_bfilho@outlook.com.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca delinear como Giambattista Vico se situou na história do pensamento do século XVIII. Para tanto, considera-se sobretudo o universo cultural da cidade de Nápoles, onde exerceu atividade docente e publicou suas obras. Nelas, o autor escreveu sobre as mudanças científicas e culturais que testemunhou durante as primeiras décadas do século XVIII.

Neste período, Nápoles tratava-se de uma metrópole movimentada, era lugar para debates de uma ampla variedade de disciplinas (Nicolini, 1992, p.11). Estes debates fazem parte da disputa entre os *antigos* e os *modernos*, como atesta a sua autobiografia *Vida escrita por si mesmo* (1728) e a sua *correspondência*. Com o surgimento de novos métodos de estudo, os debates se tornaram muito frequentes na vida da cidade, faziam-se presentes representantes de diferentes correntes de pensamento como epicuristas, estoicos, cartesianos, humanistas, céticos (Nicolini, 1992, p. 52).

Neste período, a adesão de uma determinada corrente ou tradição teórica e filosófica também implicava alguma filiação política (Stone, 1997, p. 12). Nomeadamente, entre os países que disputaram pelo domínio de Nápoles durante as primeiras décadas do século XVIII: França, Áustria e Espanha. Também estava em debate a organização do Estado e a função da Igreja (Stone, 1997, p. 41). Com base no relato autobiográfico, Vico se apresenta como um filósofo contrário às tendências da sua época, sobretudo o cartesianismo. Mas qual seria o grau de tal negação?

Para responder tal questão, o procedimento adotado aqui consiste em três etapas. A primeira consiste em apresentar os principais aspectos da crítica de Vico ao cartesianismo. Na segunda parte, são apresentados dois exemplos de interpretações que caracterizam esta crítica, definindo Vico como um pensador anti-iluminista. Por fim, a última etapa conclui o artigo apresentando uma alternativa para tal interpretação.

1 A CRÍTICA DE VICO AO CARTESIANISMO NAPOLITANO

Na Nápoles das primeiras décadas do século XVIII, concepções antagônicas coexistiram nas academias de *Arcadia*, *Spensierati*, *Oziosi*, *Investigantie Medinacoeli*. Nestas duas últimas – que contaram com a participação de Vico – nota-se uma recepção também plural da filosofia cartesiana (Sanna, 2017, p. 435-436). Entre os *Investiganti* e os

Medinacoeli, surgiram diferentes formas de apropriação das ideias advindas do cartesianismo, caracterizando sua especificidade no ambiente cultural napolitano. No caso da primeira, os seus membros se dedicaram ao estudo da natureza de modo a se desvincular das concepções filosóficas tradicionais, como o aristotelismo e o tomismo (Silva, 2012, p. 162-163). No caso da segunda, nota-se a presença de cartesianos de orientação malenbranchiana e anti-cartesianos que buscavam superá-lo com a leitura dos clássicos da antiguidade latina e dos autores renascentistas (Donzeli, 1970, p. 32-33).

Como se nota, Descartes exerceu uma forte influência nos intelectuais napolitanos. O seu ideal de ideia clara e distinta surge com propósito de garantir um procedimento seguro numa investigação em sentido amplo. Para tanto, Descartes desconsiderou tudo aquilo cujo saber não considerou seguro: letras, poesia, história e retórica. A sua justificativa era a de que tais saberes seriam confusos com seus múltiplos argumentos, fundamentos e com seus estudiosos muitas vezes defendendo concepções antagônicas entre si. Portanto, eles não são adequados num procedimento cuja conclusão fosse seguramente a verdade. Mais prudente seria fazer uso da própria luz natural em vez de se perder nas opiniões tão variadas dos doutos (Descartes, 1983).

Por se tratar de um pensador muito presente no universo científico e filosófico experienciado por Vico, a obra de Descartes configura um dos pontos de partida da sua filosofia (Horkheimer, 1984, p. 94). Vico parece se alinhar ao cartesianismo ao criticar más práticas da parte dos eruditos numa carta endereçada a Bernardo Maria Giacco em 1720 (Vico, 2007a, p. 89). Descartes seria mais uma vez tópico da correspondência entre Vico e Giacco quando o pensador italiano reconhece outro aspecto positivo do ceticismo metodológico proposto por Descartes “com o qual devem ler, ou melhor, meditar atentamente sobre os Livros de novas descobertas” (Vico, 2007a, p. 99)¹.

Mas na autobiografia, Vico se apresenta como um crítico ao cartesianismo e estabelece oposição ao afirmar que: “Não se fingirá aqui como astutamente o fez René Descartes a respeito do método dos seus estudos, somente para exaltar a sua filosofia e matemática” (Vico, 2017, p. 60-61). Esta afirmação presente no início do texto autobiográfico já anuncia o tom que a crítica assumirá nos momentos seguintes: um dos defeitos do cartesianismo é a sua unilateralidade. Talvez tal característica justifique o fato de que os

¹ Tradução de: “col q(ua)le vadano a leggere, o per meglio dire a meditare attentamente Libri di nuove scoverte”. As referências à correspondência de Vico são da edição de Manuela Sana, mas a tradução é da edição brasileira organizada por Sertório de Amorim e Silva Neto e Vladimir Chaves dos Santos ainda em vias de publicação. As demais traduções são de nossa autoria.

intérpretes de Vico parecem atribuir maior importância na reabilitação daqueles saberes outrora desprezados por Descartes. A defesa que Vico fez das letras, poesia, história e retórica enfatiza que elas possuem uma utilidade na esfera pública, ou em outros termos, na prática da civilidade (Vico, 2017, p. 62).

Em vista da importância do âmbito prático, Vico professa a sua preferência para autores como Platão e Cícero que “tendo em vista a boa regulação do homem na sociedade civil, fizeram com que ele tivesse nenhum ou muito pouco apreço quer pela moral dos estoicos, quer pela dos epicuristas, já que são ambas uma moral de solitários” (Vico, 2017, p. 74-75). Em Platão, Vico encontra um filósofo cuja teoria das formas está relacionada com a experiência concreta (Vico, 2008, p. 223). Em Cícero, Vico encontra a ideia do sábio que não pode agir em benefício próprio, uma vez que seu dever é garantir a boa vida em comunidade (Cícero, 2009, p. 42). Em vista desta adesão à filosofia platônico-ciceroniana é que se pode compreender a crítica em relação aos novos métodos pedagógicos em vigor em sua época.

Vico considera inadequado que as crianças fossem ensinadas na lógica de *port-royal* porque ela é “cheia de juízos severíssimos acerca de matérias recônditas de ciências superiores, e completamente afastadas do senso comum vulgar” (Vico, 2017, p. 78). Em relação aos jovens, criticou que eles sejam versados apenas no método algébrico desconsiderando as disciplinas que treinem as faculdades da memória e da fantasia. Vico defende que seria mais apropriado que tais faculdades fossem reguladas: “por meio de uma arte própria, como a memória pelo estudo das línguas, a fantasia pela leitura dos poetas, historiadores e oradores, e o engenho pela geometria linear” (Vico, 2017, p. 78).

Em vista desta perspectiva, Vico defende a retórica por meio da tópica criticada por Antoine Arnauld (1612 - 1694) e Pierre Nicole (1625 - 1695) – por eles julgada acessória e, portanto, dispensável (Arnauld; Nicole, 2016, p. 17). Vico defende que ao lado da retórica, as outras disciplinas possuem o poder de exercitar as demais faculdades necessárias também para o exercício da filosofia (Vico, 2017, p. 78). Esta união entre filosofia e retórica presente em Vico também está nos pensadores renascentistas que ele elencou na autobiografia. Ao falar sobre a ausência da leitura dos pensadores precedentes em prol dos novos, escreveu que:

A metafísica que, no século XVI, tinha colocado no nível mais sublime da literatura figuras como Marsilio Ficino, Pico della Mirandola, ambos os Agostinhos (Nifo e Steuchio), Giacomo Mazzoni, Alessandro Piccolomini, Matteo Acquaviva, Francesco Patrizi, e que tinha contribuído de modo tal para a poesia, a história e a eloquência que a Grécia inteira, na época em que foi mais douta e eloquente, parecia ter ressurgido em Itália (Vico, 2017, p. 92).

Apesar das suas características distintivas, tais autores participam do universo dos *studia humanitatis*. O universo dos *studia humanitatis* remete ao cultivo conjunto das disciplinas como filosofia, retórica, gramática, história e poesia. Para os renascentistas, Cícero era considerado o modelo de humanista (Kristeller, 1961, p. 9-19). Esse ideal de cultura e educação sobreviveu após o período do Renascimento e ainda pode ser identificável nos escritos do século XVIII (Kristeller, 1949, p. 5). A crítica ao cartesianismo e a defesa das disciplinas do *studia humanitatis* são claros indícios de como Vico ante as novas tendências das matemáticas e das ciências naturais (Nicolini, 1992, p. 62).

A dimensão prática do saber é por ele enfatizada ao defender que se deve ter em mente a utilidade das obras, o que significa ter em vista o bem-comum. Dessa forma, Vico propôs uma reforma do ensino universitário, que estabelecesse uma concordância entre as ciências para que “dessem as mãos uma à outra, sem que nenhuma constituísse impedimento para a outra” (Vico, 2017, p. 113-114). Numa carta endereçada à Francesco Saverio Estevan em 1729, Vico critica a difusão dos manuais que seguiam a tendência cartesiana. Para ele, tais manuais se caracterizaram em vista desta perspectiva restritiva, e conseqüentemente, não contribuindo para a formação do engenho (Vico, 2007a, p.145). Ao criticar o ceticismo metodológico cartesiano, escreveu que:

pondo em dúvida a verdade, que une os homens, dispõe-os a todo pretexto para a busca do próprio prazer ou da própria utilidade, que seguem o próprio sentimento; e assim, das comunhões Civis chama-os de volta ao Estado de solidão, não de animais mansos, que têm inclinação de viver reunidos em grupos e em rebanhos, mas de ferozes e cruéis, que vivem todos divididos e sós nos seus antros e covis (Vico, 2007b, p. 144)².

A referida passagem está em consonância com a crítica ao individualismo que ele apresenta na *autobiografia*. Prática e teoria estão unidas na crítica de Vico à Descartes. Ao falar sobre a recepção negativa da *Ciência Nova*: “comumente os homens são todos memória e fantasia e, por isso, caluniaram tanto a *Ciência Nova*”³. É interessante notar que Vico faz alusão àquelas faculdades que precisam do cultivo dos *studia humanitatis* para que sejam

² Tradução de: “mettendo in dubbio la verità, la qual unisce gli huomini, li dispone ad ogni motivo di proprio piacere, o di propria utilità, che sieguano il senso proprio: e sì dalle communanze Civili li richiama allo Stato della solitudine, nonchè dagli animali mansueti, c’hanno pur talento d’unitamente vivere ne greggi, e negli armenti, ma di fieri, ed’ immani, che vivono tutti divisi, e soli nelle lor tane, e covili”.

³ Tradução de: “che ‘l comune degli huomini è tutto memoria, e perciò hanno sparlato tanto della Nuova Scienza”.

aprimoradas. Para ele, é evidente que a vida intelectual dos napolitanos passou por profundas mudanças.

Neste sentido, o contraponto que ele apresenta em relação a esta tendência consiste na defesa da *tópica* – arte em que a memória e a fantasia possuem lugar fundamental. É ela que pode de fato auxiliar âmbito prático em vez da moral provisória de Descartes: “a única que pode nos socorrer nos casos urgentes que não dão tempo ao conselho, e só a sabedoria, com um pé em cima, pode resolvê-los” (Vico, 2007a, p. 144)⁴. Vico enfatiza a dimensão contingencial da *tópica* que não encontra no novo método que num movimento contrário: “a fim de que expurgue sua verdade primeira de tudo que é, não só falso, mas também suspeito de falsidade, ordena que sejam expulsas da mente todas as verdades segundas e os verossímeis” (Vico, 2009a, p. 209).

A ausência do verossímil se configura como obstáculo do *sensu comum* [*sensus communis*]. No entender de Vico, o verossímil está para o senso comum como o verdadeiro está para a ciência, tratando-se de um termo médio entre o *verdadeiro* e o *falso* (Vico, 2009, p. 212). Neste sentido, os pensadores cartesianos falham ao reduzir o conhecimento apenas em premissas primárias e excluírem múltiplos fatores que se apresentam na realidade (Lamachia, 2001, p. 26).

Na autobiografia, Vico se retrata como um pensador contrário ao cartesianismo. Apresentando como a sua filosofia busca reabilitar aqueles saberes que Descartes considerou como incertos e obscuros, ao defender que eles possuem uma utilidade na vida prática. Dessa maneira, Vico contesta a pretensão cartesiana de um método criado individualmente com base na própria razão autônoma, preferindo enfatizar a influência de diversas fontes e tradições em sua própria construção intelectual.

Para Vico, a matemática não é a única via para o conhecimento, pois as disciplinas dos *studia humanitatis* – história, poesia, oratória – constituem uma ciência para aquilo o âmbito prático, ou seja, da esfera do contingencial. Ao defender um ideal enciclopédico do saber, Vico busca resgatar a importância dos humanistas renascentistas, justificando o estudo de todas as disciplinas para a prática da civilidade.

Até o presente momento, pode-se notar que a crítica de Vico ao cartesianismo se baseia no ideal de que os saberes devem ter uma aplicação prática. Em outros termos, a sua finalidade não deve ser apenas teórica mas também ética e política e por isso, outras

⁴Tradução de “la qual sola ne può soccorrere negli affanni ferventi, che non danno tempo al consiglio; e’ la sola sapienza, stando sopra un piede, li può risolvere”.

faculdades para além da razão devem ser cultivadas, como a memória e a fantasia. Baseando-se no relato da autobiografia, os intérpretes de Vico propuseram entendimentos sobre a sua filosofia em relação a sua polémica com o cartesianismo. Este será o tema do próximo tópico.

2 DUAS RECEPÇÕES DA CRÍTICA DE VICO AO CARTESIANISMO: BERLIN E LILLA

Conferindo destaque a polémica de Vico em relação à Descartes, estudiosos desenvolveram interpretações sobre a filosofia de Vico, como é o caso de Berlin e Lilla.

Vico é o primeiro autor citado por Berlin na longa lista de autores que fazem parte de uma corrente que ele denomina anti-iluminismo [*counter-enlightenment*]. Para ele, o anti-iluminismo ocorre quando há crítica das ideias caras ao iluminismo, como a crença numa verdade universal estabelecida por métodos científicos, válida para qualquer tempo e lugar, mesmo no que se refere às coisas humanas (Berlin, 2001, p. 2). Com isso, a ideia de que racionalidade não é um dado natural uma vez que ela “é adquirida dolorosamente” (Berlin, 1982, p. 74). Negando também a crença de que sozinha, a racionalidade pode resolver milagrosamente os problemas sociais (Berlin, 1982, p. 78)

Berlin explica que com o avanço da história e da filologia, tais verdades universais tornaram-se insustentáveis. Vico, no entender de Berlin, teria apresentado tal percepção ao indicar que o método matemático não pode ser universalizado para as outras ciências como pensava Descartes (Berlin, 2001, p. 4). Para Berlin, o entendimento sobre a poesia também teria distanciado Vico dos iluministas:

Os mitos não são, como acreditam os pensadores iluministas, declarações falsas sobre a realidade corrigidas pela tardia crítica racional [...] Os mitos e a poesia da antiguidade representam uma visão do mundo tão autêntica quanto a da filosofia grega, ou da lei romana [...] Cada cultura expressa sua própria experiência coletiva (Berlin, 2001, p. 5)⁵.

É em Vico que Berlin encontra a concepção de que existem várias culturas, sendo a sociedade composta por ela e nas suas várias formas de manifestação. É a poesia que revela a unicidade de cada cultura – embora elas possam ter algo similar umas com as outras a depender do estágio em que se encontram (Berlin, 2001, p. 5). Certas formas de expressão

⁵ Tradução de: “Myths are not, as enlightened thinkers believe, false statements about reality corrected by later rational criticism [...] The myths and poetry of antiquity embody a vision of the world as authentic as that of Greek philosophy, or Roman law [...] Each culture expresses its own collective experience”

social só podem surgir de determinadas formas de organização social, e esta organização não é sempre progressiva, podendo passar por momentos de regressão. Em vista disso, Berlin defende que Vico distinguiu o método das ciências humanas das ciências naturais (Berlin, 2001, p. 6). Com essa distinção, Vico se torna um filósofo importante no período do iluminismo, pois ele insistiu:

na pluralidade de culturas e no caráter consequentemente falacioso do ideal de que existe uma e apenas uma estrutura de realidade, que o filósofo esclarecido pode ver como verdadeiramente é, uma que ele pode (pelo menos em princípio) descrever em linguagem logicamente perfeita (Berlin, 2001, p. 6).

Este aspecto da filosofia de Vico é denominado por Berlin como *pluralismo*, e é entendido por Berlin como uma contraposição ao *universalismo* dos iluministas. Em Vico, explica Berlin, a natureza consiste em condições específicas que operam as variações dos sistemas culturais dinâmicos, de modo que não pode haver apenas um (Berlin, 1982, p. 130).

A interpretação de Berlin é o ponto de partida para a de Mark Lilla, defendendo que a leitura romântica de Vico permanece válida e inclusive encontra adeptos na contemporaneidade (Lilla, 1993, p. 2). Trata-se de uma forma de referir-se à interpretação croceana que apresenta Vico como um precursor do idealismo alemão e também um antipositivista – enfatizando a importância da história diante das outras ciências naturais (Croce, 1922). No Brasil, o estudo de Raul Fiker (1994) se alinha à tese de Croce.

Para Paolo Rossi, a leitura de Croce é duplamente anacrônica na medida em que, além de associar Vico ao pensamento alemão, o transformou num inimigo dos seus oponentes ideológicos (Rossi, 1958, p. 10). Apesar disso, Lilla insiste nesta concepção ao afirmar que “No caso de Vico, o contraste entre a recepção frígida dos seus trabalhos durante o seu tempo de vida e o enorme interesse gerado por eles no século XIX e XX é muito impressionante” (Lilla, 1993, p. 3)⁶. Em vista disso, Lilla radicaliza a tese de Berlin ao concordar que Vico tenha sido um anti-iluminista, mas discorda de que tenha sido um pluralista. No seu entender há em Vico “um novíssimo apelo à ordem e autoridade feito na nova linguagem da ciência moderna” (Lilla, 1993, p. 6)⁷. Lilla defende tal percepção ao defender que Vico escreve como teólogo metafísico cujo principal objetivo é combater o ceticismo moderno para restaurar a prudência e a moderação do período anterior (Lilla, 1993, p. 8).

⁶ Tradução de: “In Vico’s case, the contrast between the frigid reception of his works during his lifetime and the enormous interest they generated in the nineteenth and twentieth centuries is so striking”

⁷ Tradução de: “a highly novel appeal to order and authority made in the new language of modern science”

Contudo, se é possível defender uma interpretação anti-iluminista de Vico partindo da sua crítica ao cartesianismo, é importante notar que as suas obras também dão indício do contrário. A sua *Ciência Nova* atesta que ele foi um adepto do cartesianismo em alguns aspectos. Num trecho da edição de 1744, é possível estabelecer relação entre a proposta viquiana de uma *nuova scienza* [nova ciência] e o método de Descartes:

Portanto, devido à presunção das nações, de ser cada uma a primeira do mundo, desanimamos de encontrar os princípios desta Ciência nos filólogos; por outro lado, a presunção dos doutos, que pretendem ter sido aquilo que sabem eminentemente compreendido desde o princípio do mundo, desesperamos de encontrá-los nos filósofos: assim, para esta pesquisa, devemos proceder como se não houvesse livros no mundo (Vico, 2005, p. 171)

A última afirmação em que Vico afirma um aspecto fundamental da sua pesquisa possui certa semelhança com o ceticismo metodológico cartesiano. Assim, é possível notar que Vico empregou um princípio que também foi por ele criticado. Defende-se aqui não se tratar de uma simples contradição, por evidenciar que Vico não negou inteiramente a filosofia de Descartes. Dessa maneira, o próximo e último tópico consistirá numa avaliação sobre o iluminismo ou anti-iluminismo de Vico.

CONCLUSÃO

Conforme foi apresentado, um dos pontos fundamentais para a interpretação da filosofia de Vico consiste na sua crítica ao pensamento cartesiano. A partir desta crítica, Vico foi considerado um autor anti-iluminista, tal como se verifica em Berlin e Lilla. Em Berlin, a proposta epistemológica de Vico é um contraponto ao universalismo iluminista, apresentando em vez disso um pluralismo, pois, o método válido para a natureza não é necessariamente válido para as coisas humanas. Neste sentido, é preciso reconhecer o mérito da interpretação de Berlin ao identificar tal aspecto do pensamento viquiano. Lilla, por seu turno, radicalizou a posição de Berlin ao desconsiderar o pluralismo epistêmico de Vico, argumentando que a crítica de Vico à Descartes seria o sinal de um anti-iluminismo radical. Embora afirme rejeitar a modernidade de Vico, a interpretação de Lilla consiste numa reelaboração das leituras que consideram Vico um precursor do romantismo.

No estudo de Burke, há uma ponderação sobre o problema das interpretações e sua tentativa de situá-lo na modernidade. Vico foi considerado precursor tanto de posições

radicais e conservadoras: “em cada época, os homens tendem a recriar seus predecessores à sua própria imagem [...] Vico foi visto sucessivamente como um revolucionário, um reacionário, um romântico, um positivista, um antipositivista” (Burke, 1997, p. 20). Por outro lado, é preciso reconhecer que a variedade de leituras de Vico se deve aos elementos que a sua obra disponibiliza para tal. Portanto, faz-se necessário reconhecer a presença dos elementos antagônicos presentes na filosofia de Vico, aceitando-os igualmente sem buscar dissolvê-los.

Defende-se aqui a tese de que as interpretações de Berlin e Lilla são problemáticas porque ignoram a complexidade da relação entre Vico e Descartes. Se é verdade que Vico foi um total opositor ao pensamento cartesiano, então isso implica que Vico negou tanto os seus aspectos metafísicos e epistemológicos, além da sua contribuição para as matemáticas. Não havendo evidência para tal, torna-se lícito suspeitar da narrativa autobiográfica que superdimensiona a sua polêmica em relação à Descartes.

Vico foi mais influenciado por Descartes do que esteve disposto a admitir: embora procure estabelecer uma oposição, o procedimento da *Vida escrita por si mesmo* é o mesmo do *Discurso do método*. Ambos narram os primeiros anos da juventude nos estudos e os seus equívocos para depois descobrir o caminho adequado na maturidade. Assim, podemos rejeitar a ideia do Vico anti-iluminista.

Parece forçosa a ideia de que optar por uma tradição precedente equivalha à negação total das demais, ainda mais, quando existem elementos que dão prova do contrário. O vínculo de Vico à tradição humanista não pode ser interpretado como a exclusão do diálogo com correntes distintas, inclusive o cartesianismo. Sendo perfeitamente capaz aceitar determinados elementos enquanto rejeita outros, denominá-lo como anti-iluminista em vista da crítica parece forçoso.

Além disso, não é como se Vico ignorasse a importância da contribuição dos cartesianos, embora reconheça uma série de limitações na sua ampla transposição para outros métodos de estudo. A atitude crítica da parte de Vico não configura propriamente uma negação total da filosofia cartesiana, mas sim, uma crítica à sua adoção irrestrita. A crítica de Vico não tem como propósito negar inteiramente o cartesianismo, mas indicar a sua unilateralidade em favor da matemática e desprezo pelos outros saberes. Portanto, Vico apresenta uma inversão do movimento proposto por Descartes que diminuiu a relevância das questões éticas em favor daquelas relativas às ciências.

Por conseguinte, parece-nos mais adequado considerar Vico como parte do iluminismo ao mesmo tempo que foi um crítico. Como os iluministas, ele se preocupou com o projeto moderno de revisão dos saberes, mas sem recusar inteiramente o pensamento precedente. O melhor exemplo disso é a sua *Ciência Nova*, obra na qual ele examina as posições dos eruditos em várias disciplinas, da filosofia à filologia. Essa busca de novos fundamentos para assegurar um conhecimento verdadeiro é um elemento fortemente iluminista-cartesiano do seu pensamento. Como Descartes, Vico busca apresentar um novo método, no seu caso, uma *nova ciência*.

REFERÊNCIAS

ARNAULD, Antoine; NICOLE, Pierre. **A lógica ou a arte de pensar**. Tradução de Nuno Fonseca. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2016.

BERLIN, Isaiah. **Against the Current**. Viking Press, New York: 1979.

BERLIN, Isaiah. **Vico e Herder**. Tradução de Juan Antonio Gili Sobrinho. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982.

BURKE, Peter. **Vico**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

CÍCERO, Marco Túlio. De Oratore. In: SCATOLIN, Adriano. **A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23**. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-19022010165443/>. Acesso em: 27 out. 2023.

CROCE, Benedetto. **La filosofia de Giambattista Vico**. Bari: Laterza, 1922.

DESCARTES, René. **Descartes**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Junior. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Col. Os Pensadores).

DONZELLI, Maria. **Natura e humanitas nel Giovane Vico**. Napoli: Istituto Italiano per gli Studi Storici, 1970.

FIKER, Raul. **Vico**. O precursor. São Paulo: Moderna, 1994.

KRISTELLER, Paul. General Introduction. In: KRISTELLER, Paul (org.). **The Renaissance Philosophy of Man: Petrarca, Valla, Ficino, Pico, Pomponazzi, Vives**. University of Chicago Press: Chicago, 1948.

KRISTELLER, Paul. **Renaissance Thought**. New York: Harper Torchbooks, 1961.

LILLA, Mark. **G.B Vico – The Making of an Anti-Modern**. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

NICOLINI, Fausto. **La Giovinezza di Giambattista Vico – Saggio Biografico**. Istituto Italiano per gli studi storici. Napoli, 1992.

ROSSI, Paolo. Introdução. *In*: VICO, Giambattista. **Giambattista Vico – Opere**. Milano: Ed. Paolo Rossi. Rizzolo, 1959. p.1-22.

SANNA, Manuela. Le cas Vico dans une Naples européenne. **Archives de Philosophie**, v. 80, p. 435-448. jul-set, Paris, 2017.

SILVA, Liliane Severiano. Giambattista Vico e a viragem do status cultural napolitano do final do século XVII: um diagnóstico do presente. **Intuitio**. Porto Alegre, v. 5 n. 2. 2012, p. 157-183.

STONE, Harold Samuel. **Vico's Cultural History – The production and transmission of Ideas in Naples 1685 – 1750**. Leiden, New York, Koln: Brill, 1997.

VICO, Giambattista. **Ciência Nova (1744)**. Tradução de Jorge Vaz de Carvalho. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2005.

VICO, Giambattista. De nostri temporis studiorum ratione. *In*: SANTOS, Vladimir Chaves dos. **O conceito de engenho e de invenção na ScienzaNuova de Giambattista Vico**. 2009. 333 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1608750>.

VICO, Giambattista. **Epistolário**. Cartas escolhidas, com alguns escritos menores em apêndice. Org. Sertório de Amorim e Silva Neto e Vladimir Chaves dos Santos. No prelo.

VICO, Giambattista. **Epistole (1693 – 1728)**. Napoli: Ed. Manuela Sana. Laboratorio dell' ISPF, 2007a.

VICO, Giambattista. **Epistole (1729 – 1743)**. Napoli: Ed. Manuela Sana. Laboratorio dell' ISPF, 2007b.

VICO, Giambattista. L'antichissima sapienza degli italici e Polemiche. *In*: VICO, Giambattista. **Metafisica e Metodo**. Tradução de Claudio Faschili e Ciro Greco. Milano: Bompiani, 2008, p. 185-399.

VICO, Giambattista. **Vida escrita por si mesmo**. Tradução de Ana Cláudia Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.